Apresentação Seção Comemorativa "Laura Amazonas"

Edmilson Menezes[1]

No mundo em que vivemos, diz um historiador contemporâneo, o problema a ser enfrentado não é mais só o declínio da memória coletiva e o conhecimento cada vez menor do próprio passado; é a violação brutal do que a memória ainda conserva, a distorção deliberada dos testemunhos históricos, a invenção de um passado mítico construído para servir ao poder das trevas. Somente o historiador, com sua rigorosa paixão pelos fatos, pelas provas, pelos testemunhos, pode realmente montar a defesa contra os agentes do olvido, contra os que reduzem documentos a farrapos, contra os assassinos da memória e os revisores das enciclopédias, contra os conspiradores do silêncio.[2] A memória sem dúvida tem algo a ver não só com o passado, mas também com a identidade e, assim, mesmo que indiretamente, com a própria persistência no futuro.

De acordo com David Hume, a faculdade pela qual repetimos nossas impressões em um grau considerável de vividez original chama-se memória, quando essas impressões perdem tal vividez estamos diante de outra faculdade, ou seja, a imaginação. É evidente que os conteúdos da memória, mesmo à primeira vista, são muito mais vivos e fortes que os da imaginação. Ao nos lembrarmos de um acontecimento passado, sua ideia invade nossa mente com força, ao passo que, na imaginação, a percepção é fraca e lânguida, e apenas com muita dificuldade pode ser conservada firme e uniforme pela mente durante um período considerável de tempo. "É frequente acontecer que, quando dois homens estiveram envolvidos em um episódio", diz Hume, "um deles se lembre muito melhor que o outro, e tenha a maior dificuldade do mundo para fazer que seu companheiro se lembre também. Enumera em vão diversas circunstâncias, menciona o momento, o lugar, as pessoas que estavam presentes, o que foi dito, o que cada um fez, até que, finalmente, toca em uma circunstância feliz, que faz reviver o

1 Professor associado do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Sergipe. Bolsista do CNPq. E-mail: ed.menezes@uol.com.br

2 YERUSHALMI, Y. H. Riflessioni sull'oblio. In: YERUSHALMI, Y. H et alli. *Usi dell'oblio*. Parma: Pratiche Editrice, 1990, pp. 23-24.

conjunto todo, dando a seu amigo uma memória perfeita de cada detalhe. Aqui, a pessoa que esqueceu recebe inicialmente do discurso da outra todas as ideias, com as mesmas circunstâncias de tempo e lugar, mas as considera como meras ficções da imaginação. Entretanto, assim que é mencionada a circunstância que toca a memória, exatamente as mesmas ideias aparecem sob nova luz, produzindo como que uma sensação diferente daquela que antes produziram. Sem qualquer outra alteração além dessa na sensação, elas se tornam imediatamente ideias da memória, e recebem nosso assentimento."[3] Parece evidente que a memória preserva a forma original sob a qual seus objetos se apresentam. A principal função da memória não é preservar as ideias simples, mas sua ordem e posição. Esse princípio se apoia nos fenômenos comuns e vulgares. Frequentemente, quando as ideias da memória se tronam fracas, ficamos indecisos e não sabemos como determinar se uma imagem procede da fantasia ou da memória. Um longo intervalo de tempo pode ser o responsável por semelhante fraqueza.

Neste sentido, a associação entre a memória e a história pode ser valiosa quando se quer arguir o esquecimento: "Um historiador pode, talvez, buscando facilitar sua narrativa, relatar um evento antes de outro que lhe é efetivamente anterior; mas, se for rigoroso, ele fará notar essa desordem, recolocando assim a ideia na posição devida."[4] Eis uma tarefa penosa e, ao mesmo tempo, sublime: recolocar as ideias em suas disposições devidas. A ampla gama de instrumentos teóricos e práticos de que se vale o historiador possibilita que a recuperação da memória possa trazer consigo uma recomposição de ideias dantes em desordem ou em falseamento. A história cresce na memória; todavia, a primeira tem a enfrentar inúmeros obstáculos: censuras, apagamentos, ocultações, sumiços, condenações, etc. A segunda, que faz com que os dados sejam enquadrados em tábuas conceituais, também enfrenta suas dificuldades: sempre estará diante de uma reconstrução que não é somente lógica, mas, ainda, psicológica. Duas pontas de uma antinomia[5], história e memória ao se associarem podem, como se quer provar pelo fragmento que ora se apresenta para esta seção, empreender um contraesforço no sentido de elaborar o passado seriamente, romper seu encanto por meio de uma consciência atenta, ou seja, aquela que debate, reconhece e recompõe o material fornecido pela vivência e convivência humana. Aquela consciência que se recusa a subtrair a única coisa que nossa impotência pode oferecer diante do mal, da atrocidade, da injustiça, do descaso e de tantos outros infortúnios que se associam ao esquecimento, a saber: a lembrança. "(...) a memória, o tempo e a lembrança são liquidados pela própria sociedade burguesa em seu desenvolvimento, *como se fossem uma espécie de resto*

3 HUME, David. *Tratado da Natureza Humana*. Trad. de Déborah Danowski. São Paulo: UNESP, 2001, pp. 113-114.

4 Id. Ibid., p.33.

5 A expressão é de ROSSI, Paolo. *O passado, a memória, o esquecimento*. Trad. de Nilson Moulin. São Paulo: UNESP, 2010, p.28.'

irracional, do mesmo modo como a racionalização progressiva dos procedimentos da produção industrial elimina junto aos outros restos da atividade artesanal também categorias como a da aprendizagem, ou seja, do tempo de aquisição da experiência no ofício. *Quando a humanidade se aliena da memória, esgotando-se sem fôlego na adaptação ao existente, nisto reflete-se uma lei objetiva de desenvolvimento*."[6]

Por iniciativa do Instituto Dom Luciano Duarte (IDLD), por meio de sua presidente Carmen Dolores Cabral Duarte, e do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), com o apoio de seu presidente Prof. Dr. Samuel Albuquerque, entre os dias 17 e 19 de novembro de 2015, ocorreu a Jornada Laura Amazonas, que teve por objetivo resgatar a pessoa refletida na intelectual, na militante religiosa, na filantropa e, principalmente, na mulher líder de ações que marcaram o cenário sergipano da primeira metade do século XX. Em outras palavras, interessou-nos examinar e discutir como ela viveu sua vida, como se moveu no mundo e como foi afetada pelo tempo histórico. À frente da organização do evento estavam o presidente do IHGSE e o vice-presidente do IDLD, o Prof. Dr. Edmilson Menezes; ambos trouxeram para a Jornada o apoio da Universidade Federal de Sergipe (UFS), que se fez representar pelas intervenções das professoras doutoras Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas (Departamento de Educação/UFS) e Eufrázia Cristina Menezes Santos (Departamento de Ciências Sociais /UFS), além da Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFS Rosemeire Siqueira. Contamos, também, com as contribuições das professoras da Rede Municipal de Educação: Flaviana Martins Vasconcelos e Iadry Gomes.

Laura Amazonas está entre as principais figuras femininas da história de Sergipe. Nasceu em Aracaju no dia 3 de maio de 1884. Filha de Manoel Amazonas e Josefa Lacerda Amazonas, formou-se em Odontologia pela Escola de Farmácia de São Paulo, instituição que originará, mais tarde, a Faculdade de Odontologia da Universidade de São Paulo (USP), tendo sido seu diploma emitido em 1905. Profissional dedicada, atuou durante anos no seu ofício, tornando-se referência em seu campo de desempenho. Espírita atuante, empenhou-se em causas humanitárias que fizeram com que suas ações enveredassem pela filantropia, pela educação, pela ação doutrinária, etc. Os textos apresentados a esta Seção Comemorativa da Revista do IHGSE são fruto da Jornada Laura Amazonas. O resultado apresenta um consistente conjunto de conteúdos englobando um amplo leque de temas como educação, trajetória intelectual, memória, história, gênero, etc. As diversas matérias, aqui tratadas, mostram Laura Amazonas e seu perfil diversificado, além de exemplificarem a importância do resgate de intelectuais que, por seu pioneirismo, inovação e destemor, acabaram por influenciar a sociedade sergipana e sua identidade.

6 ADORNO, T. O que significa elaborar o passado. In: *Educação e Emancipação*. Trad. de Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, p. 33. (grifos nossos)